



CAPELLA DE HARROW.

Muitos são os templos novamente erectos em Inglaterra para monumentos dos que morreram na campanha da Crimeia; parece que na multiplicidade e fausto d'estas construcções se empenhou o orgulho nacional, além do desejo de render este preito à memoria dos que sustentaram em região remota a gloria da patria; demais é um tributo que recorda aos vindouros o sacrificio dos que morreram victimas da sua dedicação e do cumprimento de seus deveres; e, portanto, um incentivo para o exemplo; porque a nação ingleza não só remunera os que a servem com recompensas pecuniarias, condecorações e

honras durante a vida, e os anima e excita pelas pensões e outros cuidados com que trata e ampara suas familias depois que perecem no serviço, mas também lhes erige monumentos que perpetuem a sua memoria. É d'este genero a nova capella de Harrow fundada no anno passado, de grande belleza no interior, como se mostra na estampa que representa a nave do lado do sul: é dedicada aos officiaes, que tinham sido educados no collegio de Harrow e morreram na guerra do Oriente. Harrow é uma povoação, aldéa grande, situada na collina mais alta do condado de Middlesex, distante de Londres para o no-

VOL. I. — 1.ª SERIE.

MAIO, 16, 1857.

roeste pouco mais de duas leguas; a escola que ali foi fundada em 1571 reinando Isabel é celebre pelos estudos classicos: educa cem alumnos.

M.

A FLORA.

(EPISODIO MARITIMO.)

Conclusão.

II

«Em lenbo nadador dobrar souberam
A inseparavel meta em que se oppunha
À força dos mortaes a natureza.»

J. A. DE MACEDO — *O novo Argonauta*

Um longo tormento, um continuado soffrimento de fome e sede, durante vinte e oito dias de trabalhosa e aventurada viagem, haviam quasi totalmente exaustos as quebradas forças de nossos viajantes. Viam-se a cada instante entre os abysmos da morte e o desespero da miseria! A cada embate das ondas no costado da fragil *Flora*, se alevantava um novo perigo! Ainda, porém, lhes sobrava animo para que apreciando o salvamento da existencia, em muito houvessem a necessidade de se esforcarem por alcançar porto amigo e hospitaleiro. Assim, de quatro em quatro horas revezavam os quartos de governo da embarcação.

Em abono d'esta assiduidade não calaremos um tormento, que espontaneamente se impunha o valoroso mestre. Quando no começo d'esta trabalhosa navegação, em trinta d'Outubro, Moraes saiu a segunda vez na ilha de Santa Maria, precisado a saltar em terra na escuridão da noite, houve a infelicidade de, ao tocar a praia, inopinadamente, entalar com o pé um dos despojos osseos d'algum peixe, pelo oceano arremessado aquellas costas, o qual rasgando-lhe o calçado foi entranhar-se pela planta do pé obra d'uma polegada de comprimento. Os successos que depois recresceram em cardume constrangeram Moraes a omitir o curativo da ferida, para se entregar todo, e pacientemente, aos immediatos negocios e precisões de sua viagem, deixando d'est'arte a chaga tomar consideravel incremento. Attenuado de forças, carecente de repouso havia tantos dias, agora que já se iam desengandamente caminho de Lisboa receando em seu quarto de leme ser accommettido d'alguma formidissima somnolencia, com resignação se tinha acostumado a irritar a ferida com os dedos da mão, para que a dor o trouxesse desperto a despeito das vigílias!...

Retomemos o fio.

As oito horas do dia quinze de Novembro deparou-se-lhes, em direcção do nordeste, uma vela sobre a qual correram todo o dia, fazendo-lhe signal de perigo: pela tarde achavam-se na proximidade de duas leguas, o que não podia em

tempo claro servir d'escusa á embarcação desconhecida e inhumana, que nenhum caso fez do pequeno baixel afflicto! Esta vela era uma escuna, cuja nação não conheceram.

Qual não seria o pasmo dos dois irmãos! Negava-se-lhes, e no meio do perigo e da necessidade, o soccorro usual entre os maritimos! De tudo pareciam desamparados!

Ao meio dia do immediato dezeseis apparece-lhes outra escuna, ingleza. Tinha o vento amainado, inda que as ondas continuavam descompostas. A escuna avistou e reconheceu a situação da *barqueta*, e espontaneamente a capa aguardou a sua aproximação. Se voariam para ella Moraes e Trajano?!

Eram finalmente o mais juntos que permittia o grande baralhar dos mares: um aceno bastou a denunciar aos bemfeitores a fome e a sede d'estes intrepididos marinheiros. O momento era precioso. Os da escuna compadecidos da situação da *Flora*, gostosamente lhe enviaram algum soccorro, mas este, ainda que destramente arremessado pelo ar, só deixava aos necessitados o desgosto de o ver bater sobre o convez, e com o restante impulso da carreira saltar ao mar por cima de sua pequena borda falsa! Conseguiram com tudo isto tomar ainda treze bolachas, e para os fornecer d'agua a escuna desparou a retranca da vela grande para sotavento, e por ella fez conduzir na mão d'um moço um balde, resultando d'esta manobra o ficar a mesma retranca embrulhada em uma abertura das enxarcias — perigo de que consequentemente se livrou a *barqueta*, a qual a escuna quasi suspendia em seu balancear. Em seguimento d'este risco veio um inesperado abalroamento da *Flora* com o navio inglez, de que nasceu perder aquella o gurgupés — falta a que occorrem em continente e da possivel maneira.

Desfizeram os dois navios a capa e ouviu-se em altas vozes trocar entre os bemfeitores e protegidos sincero *God save you!* Cada qual continuava seu caminho.

No dia seguinte, dezeseite, demandaram nossos mais resignados navegantes, bordejando com uma brisa de oessudoeste, o cabo da Roca em Portugal, — diligencia continuada mesmo com vento sul no dia dezenove, e até avistarem ás quatro horas da tarde de vinte e um a ponta do dito cabo. Enthusiasmados velejavam elles com todo o panno, quando lhes sobreveiu calmaria, só dissipada ás seis da tarde pela aragem do norte.

Em sua compassada carreira mais tranquillos admiravam o perigo de que saiam, ao ver semeadas as immediações da costa de não poucos borcélos de embarcações perdidas! N'este tempo só tinham uma bolacha, das com que haviam sido socorridos.

Apenas pela noite do dia vinte e dois poderam entrar o Tejo. Ás sete horas da tarde uma vigia do contrato do tabaco na sua agua os seguiu até á roca de Cintra, e só pelas nove fa-

voreceu o vento na proximidade de Cascaes, em que uma embarcação de pilotos da barra pretendeu que a barqueta tomasse um para a conduzir, ao que os d'esta se denegaram pela falta de meios para abonar a despeza, correndo com toda a força. O barco costeiro (vigia do contrato) resolveu-se finalmente fallar aos da *Flora*, que lhe deram um mui abreviado bosquejo de sua extraordinaria viagem, virando depois aquelle de bordo, e esta abocando ousadamente o rio pelo bem conhecido corredor do norte, levando consigo a rasto algumas redes armadas pela foz, servindo a livral-a do furor dos pescadores por um tal exito a rapidez da sua corrida.

Pela uma hora da manhã de vinte e tres foram dar fundo diante de Belem: depois do que, julgando-se seguros em protegida ancoragem, e mui acabrunhados de cansaço, repoisaram ambos. Tanto se entranharam pelo somno que não sentiram o abalroamento, que quasi ás tres horas com a barqueta houve uma barca sueca desarvorada, que subia o rio, praticando-lhe graves avarias e concorrendo para que depois de livres do abalroamento, e de terem buscado novamente repoisar, a vasante levasse a barqueta na corrente aos cachopos da torre do Bugio. Para os esquivarem, não podendo marear o panno por causa do estrago da aparelhação, tomaram o expediente de suster-se com os remos, até aos seus brados acudir a tripulação de um salucho, que lhe lançou um dos seus marinheiros para os ajudar a sair do grande embaraço em que eram. E com effeito depois de varias diligencias conseguiram aproar para Paço d'Arcos, aonde esperaram a enchente para de novo subir o rio, vindo a ser a sua ultima ancoragem em Belem ás quatro horas da tarde do mesmo dia vinte e tres, depois da falta haver demandado e recebido o seu marinheiro.

Pouco apoz, ás cinco e meia horas tiveram a primeira visita, a quem relataram em summa-rio sua espantosa viagem, que a todos maravillhou a ponto de pôrem em duvida a inteira veracidade das declarações dos dois irmãos. Pedindo estes remedio para a fome que os devorava, do escaler foi ordenado que se lhes mandasse algum soccorro: o este não tardou. Mas qual, apoz, são trabalhosa media? Sete libras de pão, sardas, e algum vinho, que tudo foi alegremente recebido!

Cumpro que não se olvide uma boa acção passada no momento da visita. Achavam-se Moraes e Trajano quasi nus, que taes os pozeram o tempo e os trabalhos. Condoidos, dois dos remeiros d'aquelle escaler despiram as proprias camisas, e as entregaram aos recém-chegados! A beneficencia extrema é a virtude dos pobres.

Em um bordo pela uma hora da manhã do dia vinte e quatro levaram a *Flora* a amarrar em um dos argolões do caes d'alfandega. Das dez para as onze horas do mesmo dia a autoridade policia-ria houve de tomar conhecimento

de todo o successo maritimo da barqueta, chamando a repetidos interrogatorios os dois irmãos, que mui conformes foram em suas declarações. Fazia espanto e punha-se em duvida o esforço dos interrogados! Receando cavilosa falsidade na narração d'elles, quasi não podiam acreditar que barco de onze toneladas, ousado aventurasse caminhar atravez de duzentas e sessenta leguás d'oceano! N'este comenos appareceu um conhecido de Moraes e Trajano, que concorrendo entre os innumerós curiosos que buscavam ver a *Flora* e seus conductores, condoido da situação d'estes, os affiançou a policia, em reforço da verdade de quanto era deposto.

Desembaraçados iam já no meio da turba entusiasmada os irmãos Pereiras!

Por este tempo um verdadeiro e diligente amigo dos desvalidos, promoveu uma subscrição voluntaria em favor dos dois arribados, cujo producto, cerca de duzentos mil réis, lhes foi competentemente entregue. Honra aos que não ensurdecem aos brados da humanidade indigente!

Assim acabaram trinta e sete dias de trabalhos não interrompidos!

Notaremos por fim, que ainda em cinco d'Outubro de mil oitocentos e quarenta, depois de composta em tudo o que carecia, e de uma viagem de treze dias, os nossos heroes com menos custo retornavam com a *Flora* á ilha de San-Miguel, d'onde haviam partido um anno antes!

Eis os soffrimentos dos dois intrepidos e ousados filhos do benemerito actual escrivão da camara municipal de Ponta-delgada, Manuel Francisco Luiz Pereira, quando a furia dos elementos pretendeu experimentar-lhes o valor: ahi estão os rasgos de sua coragem e atilada perseverança!

III

« Ainsi tombe une fleur avant le temp fanéc... »

LAMARTINE.

Assim como nos successos que relatámos está a mais importante parte da historia da *Espada-de-ferro*, também depois de a trazermos em vista com tanto cuidado, parecerá desamor largal-a de estalo á borda do olvido. Poucas palavras mais nos pouparão esta ingratição, contando o resto da sua vida, e seu desastroso fim.

Depois de chegar em mil oitocentos e quarenta á ilha de San-Miguel, a barqueta foi distratada, e começou a bem servir ao novo dono.... Acostumada já a viagens longinquas, passava do Atlantico ao Mediterraneo como zebra corre desassombrada no deserto!...

Mas « tantas vezes vae o cantaro a fonte até que para sempre lá fica »: assim, em quinze de setembro de mil oitocentos e quarenta e tres, a *Flora* deu grande testemunho d'esta usual paremia. Foi nas aguas do logar dos Mosteiros, da mesma ilha de San-Miguel, apprehendida por um escaler da alfandega de Ponta-delgada, cheada de contrabandos, tendo em Gibraltar des-

pachado em lastro para a ilha Graciosa! Agora, tornada objecto da fazenda, chegou ao porto da cidade pela tarde do dia dezeseis; impozeram-lhe o novo nome de *Quinze de Setembro*, e depois de reparada e artilhada com uma peça de rodizio, entrou em exercicio fiscal e registo das costas da ilha.

De pouca duração foram porém estes novos serviços da barqueta.

Largando a cinco d'Outubro em demanda de uma vela que vagava nos mares de Villa-Franca-do-campo, pouco apoz, perseguida pelo fado, encahou na praia dos Mosteiros com agua aberta, e quasi inutil. Arrematada e desmanchada depois começou, porventura antes de quinze dias, a alimentar o fogão dos arrematantes!

Será curioso ponderar duas notaveis coincidencias, que aqui se dão.

Primeira: — Foi no mesmo lugar dos Mosteiros, em que a barqueta nascera para o estado, que depois de o ter tão mal servido entregou a alma a Deus, e acabou a vida!...

Segunda: — O destino d'este barco parecia atado ao piloto Trajano. Aquelle que a encaminhou ao Tejo, é o mesmo que tem d'assistir ao seu funeral! Trajano era ainda n'esta ultima conjuntura o official da *Flora*; e se primeiramente a livrou, guiando-a a porto de salvacão na arribada a Lisboa, tambem ella agora o recompensa, porque estando a ponto de abrir e sepultar entre as ondas quantos a pejavam, resolveu-se fazel-o apoz ter posto incolume na praia o seu piloto. Notavel agradecimento da materia bruta e inanimada!...

Tal foi o termo do fatalissimo destino da barqueta *Flora*!

JOSÉ DE TORRES.



NOVA ENTRADA DO PARQUE DE S. JAMES.

É da banda de Pall-Mall, que faz frente á rua de S. James que ultimamente foi aberta esta nova entrada. No parque de S. James está situado o palacio de Buckingham, residencia ordinaria da rainha Victoria. Nota-se que os palacios reaes em Londres não correspondem pela architectura á magnificencia que se admira nos edificios publicos; são umas casas que exteriormente nada teem de notavel. Os parques constam de alamedas, jardins, tapadas, ruas; não são passeios para uma hora só, nem só para um relance de olhos que comprehenda todo o seu espaço: S. James park e Hyde park, por exemplo, teem mais de seis milhas em volta. Nos jardins inglezes não ha a exacção e o rigor do compasso, e (como diz um viajante) taboleiros de flores não pa-

recem á vista uma só e immensa flor, ruas de arvores não parecem uma só, e as aguas não dormem nos tanques: não se guarda a mesma ordem e regularidade que nos jardins francezes; teem poucas linhas rectas e essas seguidas de curvas, que tão admiravelmente entretem sempre o espectador; não ha monotonia de planos e são aproveitadas as irregularidades que o terreno offerece; o gosto dos jardins inglezes consiste na recreativa variedade dos accidentes, na imitação da natureza, e já foram celebrados no bello poema de Delille, traduzido pelo nosso Boccage.

M.

O governo, que domina pela força as eleições, reconhece n'isso a falta de popularidade.

O IMPERIO D'ANNAM.

Havendo nós, nos numeros 2 e 20 do *Panorama* do anno passado, fallado do templo de Fai-Fó, e das barracas annamitas, na India d'além do Ganges, apenas nos limitámos á descripção d'esses edificios, sem tocarmos na historia do paiz; o que, sem deixar lacuna no assumpto que então nos propozemos, ficava muito áquem das exigencias historicas.

Para satisfazer essas exigencias, começamos hoje a publicar resumidamente a interessante historia do imperio d'Annam, que, estamos certos, agradará aos nossos leitores, em vista dos accidentes que apresenta.

Já dissemos nos referidos numeros, que este paiz se estende desde o 9.º até o 23.º grau de latitude norte, e desde o 118.º e trinta minutos até ao 127.º grau e trinta minutos de longitude; que ao norte é limitado pela China, e seu mar, ao sul pelo mesmo mar, e ao oeste pelo reino de Siam; que estes estados compõem agora um só imperio — o d'Annam, abrangendo o Tunkin, a Cochinchina, Tsiampa, Camboja, Lao, Lac-Tho e Kan-Kao.

A porção d'este imperio, situada ao sul de Tunkin, é dividida em tres grandes partes; a primeira, comprehende a ponta meridional que forma a extremidade do golpho de Siam, e que occupa, pouco mais ou menos, desde o 9.º grau de latitude até ao 12.º, chama-se Don-nai; a segunda, que se estende d'ahi até ao 16.º grau, Chang; e a terceira, situada entre esta e o 17.º grau, onde começa o Tunkin, tem o nome de Hué. A costa maritima d'estas divisões apresenta bahias e angras seguras e commodas. O rio de Don-nai (Camboja, nas cartas) é navegavel para os maiores navios até á distancia de cincoenta kilometros pelo interior, onde se acha a cidade de Sai-Gong, que tem um porto vasto, e um grande arsenal para a marinha. Este rio divide-se em muitos braços larguissimos.

Na parte que contém Chang encontra-se a bahia e enseada de Chin-Cheu. Esta é vasta e perfeitamente abrigada dos ventos; mas os navios de grande porte não podem ahi fundear senão quando o mar está agitado, por causa da barra que ha na entrada bastante estreita da foz que da bahia exterior ali conduz. No cimo d'esta enseada está a cidade de Quin-Nong. A principal cidade da provincia de Hué tem este mesmo nome; está situada sobre a margem d'um grande rio navegavel por navios de consideravel porte, mas uma barra de areia obstrue a embocadura. A bahia de Han-San, uma das melhores de todo o Levante, é situada um pouco ao sul d'este rio. É esta mesma que ordinariamente é designada nas cartas pelo nome de Turanne.

O Tunkin, propriamente dito, tem ao sul a Cochinchina e Lao; ao norte, a China pela provincia de Kang-Tong; a este, esta mesma provincia e o mar da China que forma um golpho a que Tunkin dá o nome; a oeste, Lao, Lac-Tho e as provincias chinezas de Yun-an e Kuan-si.

Os pontos de contacto de Tunkin com a China são, pela maior parte, ermos, onde só ha aguas insalubres; e os limites dos dois estados ainda não foram determinados d'uma maneira positiva. Entre o Tunkin e a provincia de Kang-Tong ha montanhas inacessiveis, que deixam apenas um intervallo, cuja passagem é fechada por uma muralha, que tem porta guardada por soldados d'ambos os paizes; a fertilidade de Tunkin é devida principalmente ao Sang-Koi, vasto rio cujo curso não tem menos de seiscentos e quarenta mil metros. Notaremos, de passagem, que a denominação de Tunkin não é exacta. O paiz assim conhecido na Europa chama-se Kiao-Tchi. Este erro nasceu de se attribuir ao estado o nome da sua capital, que, por alguns tempos, se chamou Dong-Kinh (Dong, este, e Kinh, cidade.) Depois da reunião de Tunkin aos outros estados que formam o imperio d'Annam, achando-se a sua capital ao norte d'este imperio tomou o nome de Bac-Kinh (cidade do norte); é tambem chamada Thang-Long-Thanh (cidade do dragão amarello).

A Cochinchina é uma lingua de terra, sobre a margem do mar da China, que, antes das conquistas que a engrandeceram, apenas teria trinta e dois myriametros de comprimento do noroeste ao sueste. Hoje, comprehendendo-se a parte de Camboja, que se lhe reuniu, e o Tsiampa, estende-se desde o 9.º grau de latitude até quasi ao 17.º; é muito desigual, pois que na maior largura tem oitenta a cem kilometros, em quanto que em algumas partes, desde o mar até ao sopé das montanhas deshabitadas, esta largura não é de mais de tres a quatro kilometros. A Cochinchina divide-se em alta, central e baixa. A capital da alta é Phu-xuan ou Hué-fou; a central tem duas, Quin-nong e Qui-phu; a capital da baixa é Sai-gong. Este paiz é tambem dividido em sete provincias que são, começando do sul, Bin-Thuan, Nah-Trang, Pha-yen, Quin-nong, Kang-ai, Kang-nan ou Han, e Hué. A Cochinchina confina ao norte com Tunkin, ao este e sul com o mar da China, ao oeste com o reino de Siam, Camboja e Lao; é separada de Tunkin por uma cordilheira que deixa um intervallo de tres kilometros, pouco mais ou menos, fechado por uma muralha. O nome de Cochinchina talvez tenha sido formado pelos portuguezes, dos nomes de Kiao-Tchi, Tunkin, e Djinna ou Tsina, China; ao menos é esta a opinião de muitos viajantes; outros querem que Cotchin-Tsina signifique em japonéz paiz a oeste da China.

Tchiem-Thanh, designado pelos europeus com o nome de Tsiampa, Tsiompa ou Ciampa, está incluído na Cochinchina, e é limitado por ella ao norte e ao meio-dia, a este pelo mar da China, e a oeste por Camboja. É um pequeno paiz montanhoso, que se percorre em tres dias de jornada. Pode dividir-se de este a oeste em tres partes: a oriental é um deserto, composto de montanhas, algumas das quaes são banhadas pelo mar. É preciso atravessal-as para ir da baixa

Cochinchina a central; mas não ha agua potavel em uma grande parte d'este caminho. O centro do Tsiampa é habitado e cultivado; a parte occidental é um paiz de montanhas pelo qual vagam alguns homens quasi selvagens. A primeira noticia d'este paiz acha-se em Marco-Polo; mas depois os escriptos dos missionarios na Cochinchina fallam muito d'elle. Foi um reino poderosissimo, que os europeus não conheceram senão na decadencia, e que não existe agora. O quarto rei da segunda dynastia tunkineza apoderou-se d'elle pelos fins do decimo quinto seculo, reuniu-o aos seus estados, e formou duas provincias a que chamou Thuan-hoa e Kouangnam.

Continua.

OBSERVAÇÕES SOBRE ALGUMAS FLORES E ARBUSTOS MODERNOS.

Os *abutillons* são uns arbustos de folhas persistentes, de florescencia continua, e resistem ao calor e á secca. São proprios para os segundos planos dos bosquesinhos, e assaz rusticos em quanto ao ar, terreno, e exposição. O *insignis*, que é o mais bello, é tambem o mais melindroso.

As *acacias* são mui elegantes. A sua ligeira folhagem e profusão de flores, juntamente com a sua rusticidade, aspecto pittoresco, e facilidade de cultura, fazem-nas procuradas para composições de paizagens. O humus vegetal, exposição arejada, e regas moderadas são proprias á sua vegetação.

As *achimenes* (*gesnerias*) são estimaveis pela variedade do matiz das flores, que se succedem sem interrupção no verão e no outono. Convem-lhes muito o humus vegetal e a sombra. Na época do repouso da seiva precisam abrigadas.

As *cyrtandáceas*, meias-epiphyteas, são proprias para guarnecer vasos suspensos nas estufas, ou nas casas, onde com os seus ramos pendentes e flores tubulosas produzem lindo effeito. Precisam do humus vegetal, sombra e calor.

As *apocynas* são originarias do Brasil. Querem no inverno o abrigo da estufa; trabalho que recompensam generosamente com a grande abundancia das suas flores cor de ouro. Gostam da luz directa do sol, e carecem do humus vegetal, e de regas moderadas.

As *astropheas* devem ser abrigadas no verão. Tambem querem abrigo no inverno, raios directos do sol, e terra substancial.

As *aphelandras* são naturaes das sombrias florestas do Brasil. Cultivam-se em terra bruyere, reservando-as do sol, e do ar.

As *antocereas* são uns formosos arbustos de folhas persistentes, que na primavera se vão cobrindo de folhas brancas e pequenas. Resistem ao calor e á secca. Medrando em todos os terrenos, são proprias para formar abrigos contra o vento.

As *araliáceas* servem de ornato as estufas e

jardins, e tem um aspecto pittoresco. A maior parte d'ellas são originarias das regiões tropicaes, e exigem o abrigo da estufa durante o inverno, regas moderadas, e terra bruyere.

A *araucaria excelsa* é originaria da ilha de Norfolk. É a mais pittoresca das coníferas. A sua forma pyramidal, a ramagem disposta horizontalmente por ordens continuas é de elegante effeito. Em Lisboa é tão rapido o seu crescimento, que uma da altura de um metro, plantada ha cinco annos no jardim do real palacio das Necessidades, já chegou á altura de dez metros. A *cunninghami*, a *imbricata*, e a *brasiliense* medram nas exposições frias. Pouco delicadas, acerca da qualidade de terreno, preferem todavia as terras substanciaes, nas quaes o humus vegetal se encontra misturado com a areia.

As *azaleas*, da China e da India, são arbustos de folhas persistentes, formando tufos elegantes, que se cobrem de uma profusão de flores notaveis pelo brilho e frescura das côres, variadas desde o branco puro até ao mais vivo escarlate. Pode prolongar-se-lhes a florescencia por mais de um mez, abrigando-as do sol. Exigem terra de bruyere pura, e uma exposição semi-sombria, e regas moderadas.

VIAGENS DE BECKFORD A PORTUGAL.

CARTA XXIII.

PENHA-VERDE. — CARACTERES DA CÔRTEZ. — FESTAS.

22 de Setembro de 1787.

Quando me levantei a nevoa encobria os cabeços, e o mar distante apresentava o seu azul esplendido.

Não obstante esperar algumas visitas de consideração procedentes de Lisboa, a manhã convidava tanto que não pude resistir a montar a cavallo depois d'almoço, correndo o risco de não estar presente á sua chegada.

Tomei a estrada de Collares. O ar estava deliciosamente sereno e fragrante, algum chuvisco que havia pouco caira refrescou toda a superficie do terreno, e coloria os alcantis parallelá de Penha-Verde de púrpura e esmeralda; a numerosa tribu das urzes começava a florecer; e os pequenos plainos irregulares, sobre os quaes pendem tortuosos sobreiros, e que tão frequentemente se encontram por aquelle caminho, viam-se cobertos agora de avantajados lírios brancos raiados de carmezim.

Penha-Verde é de per si um sitio agradável. A casa de campo com seus tectos baixos e chatos e um corpo saliente n'uma extremidade, assimilha-se exactamente aos edificios das paizagens de Gaspar Poussin: diante de uma das fronteiras ha um jardim quadrado com sua fonte no meio, e nas paredes nichos occupados por

bustos antigos. Acima d'essas paredes variedade de arvores sobem a grande altura, e compõem uma condensação da mais rica folhagem. Os pinheiros, que pelo seu lustroso verde deram o epitheto a este rochedo ponte-agudo (Penha-Verde) são tão pittorescos como os que eu costumava admirar tanto no jardim Negrini em Roma, e de certo tão antigos ou talvez mais; a tradição refere que foram plantados pelo afamado D. João de Castro, cujo coração repousa n'uma capella de marmore á sua sombra.

Quantas vezes aquelle coração heroico, em quanto bateu dentro do melhor e mais magnanimo seio humano, se affligiu depois no seu socegado retiro! Aqui, pelo menos, aguardou aquelle repouso que tão crueimente lhe negava a cega perversidade de seus ingratos concidadãos; porque a sua vida foi uma ardua contenda, uma longa e trabalhosa luta, não só no campo debaixo de sol ardente affrontando os perigos e a morte, mas tambem na sustentação da gloria e boa fama de Portugal contra enredos da cõrte e vis cabalas de invejosos inimigos domesticos.

Estas paizagens, posto que ainda encantadoras, provavelmente soffreram grandes mudanças desde o tempo do heroe.

Temos lido que os fechados bosques desappareceram, e com elles muitas das nascentes que alimentavam. Fontes architectonicas, alinhados terraços, e talhões regulares plantados de laranjeiras usurparam o logar d'aquelles vergeis silvestres e borbulhantes ribeirinhos, os quaes bem podemos suppor que a phantasia lhe representava em sonhos, quando distante milhares de leguas do seu torrão patrio. Essas coisas mudaram; mas, os homens são o mesmo que os do tempo d'elle, egualmente insensiveis á voz fervorosa do puro patriotismo, egualmente dispostos a vergar de rastos sob a vara da corrompida tyrannia; e assim pelo desprezo com que são tratados os sabios e virtuosos, pela vil subserviencia a tolos velhacos, as eras, que poderiam ser de ouro, se transmutam por alchimia maldita em ferro oxydado pelo sangue.

Impressionado com todas as recordações que este interessantissimo sitio não deixa de inspirar, custava-me separar-me d'elle. Uma e outra vez segui os musgosos trilhos, que vão em voltas por entre sombrios penedos até á pequena assentada da capella funeraria, acima da qual se agitam com stridor as copas dos pinheiros.

Não vos admirará, pois, que eu viesse preocupado, em todo o caminho para casa, d'aquelles mysteriosos susurros, e que em tal disposição não me agradasse ver uma procissão de seges, e uma caravana de burros, encaminhando-se para o portão da minha quinta. É certo que eu estava preparado para esperar consideravel affluencia de visitas; mas, aquillo era uma inundação.

Não vos enviô a lista da companhia porque vos enfadaria tal individuação, como a mim uma similhante invasão em massa.

Basta nomear-vos dois dos principaes caracteres, o piedoso ancião, conde de S. Lourenço, e o prior de S. Julião, um dos principaes validos do arcebispo confessor, e pessoa de muito respeito. Acontecendo estar sobre a mesa a biblia hollandeza de Mortier, folhearam-na de um modo muito grosseiro. Eu que aborreço ver os livros enxovalhados, e as estampas com as nodos da péga de um pollegar besuntado, ralhei ao conde velho, e lancei um olhar severo ao prior, que debruçava todo o seu peso clerical sobre o volume e dobrava os cantos das paginas.

Continua.

M.

O PRINCIPADO DE NEUFCHATEL.

Os successos politicos de 2 e 3 de Setembro de 1836 tem chamado a attenção da Europa sobre as suas questões politicas. Deixando estas de parte, por não serem da indole d'este jornal, vamos dar alguns promenores sobre a historia particular do cantão.

O principado de Neufchatel, hoje da Confederação helvetica, compõe-se do condado de Valengin, e do referido principado, com uma superficie de quatorze leguas quadradas, e uma povoação de setenta e dois mil habitantes, que na maior parte fallam o idioma francez, e que com poucas excepções pertencem á religião protestante.

Quando em 1707 se extinguiu a familia dos Longuevilles, por decisão do conselho soberano de Neufchatel, assegurou-se este estado ao rei da Prussia, como herdeiro da casa de Orange, porque os seus direitos eram indisputaveis. Foram-lhe garantidos depois pela paz de Utrech, em 1713.

O poder real foi muito limitado pelos estados geraes do paiz ao conferir-lhe o respectivo senhorio. Em 1806 Napoleão induziu o rei da Prussia a ceder-lh'o, para o dar com o titulo de principe soberano ao marechal Berthier. Os acontecimentos de 1814 devolveram novamente o paiz, com augmento de territorio, ao rei da Prussia, que lhe outorgou uma constituição similhante á de Genebra, declarando-o ao mesmo tempo estado independente, e separado da Prussia propriamente dita. Alguns mezes depois foi incorporado como unico cantão monarchico na Confederação.

Em consequencia das desordens occorridas em 1831, a constituição foi modificada por disposição regia, concedendo-se ao respectivo governo separar-se, querendo, da liga helvetica, e entrando para esse fim em negociações com a Dieta. Apresentada esta proposta á Dieta, foi rejeitada em 1834, ficando o principado na ambigua posição anterior, pagando ao rei uma lista civil de setenta mil francos annuaes, e dando-lhe um contingente de quatrocentos homens, sem embargo do que lhe correspondia como cantão suiso.

N'estas circumstancias se formou um partido realista, e outro republicano. Este ultimo ganhou supremacia no anno de 1847. Um governo provisorio declarou a definitiva abrogação do poder monarchico, decretando a immediata installação do systema republicano puro. Uma commissão especial redigiu uma constituição em sentido democratico, a qual foi approvada pela maioria do povo, e garantida a sua inviolabilidade pela Confederação. O rei da Prussia protestou solemnemente contra estas alterações, e reprovou especialmente a venda dos bens patrimoniales e ecclesiasticos, a que se procedeu em 1850. Um congresso celebrado em Londres em 1852, ao qual assistiram os plenipotenciarios das grandes potencias, formulou e expediu um protocolo, que reportando-se ao tratado de 1815, declarou o direito do rei ao restabelecimento da sua soberania em Neuschatel. Esta disposição vigorou as esperanças do partido realista, e foi o motivo porque este, não podendo por outro modo conseguir o restabelecimento do antigo systema, lançou mão da força, combinando a surpresa, que teve em resultado tão infeliz exito.

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação. *

LXIII

De como foi enganar com semelhantes enganos o dito Amador Vieira, a Francisco Gil, piloto, e outro piloto francez.

Havia nesta cidade um homem mancebo, natural della, piloto, por nome Francisco Gil, filho de Gil Rodrigues. Parece que Manuel da Silva tinha delle alguma suspeita, e o disse ao dito Amador Vieira, o qual se foi logo ter com elle, e lhe começou logo a descobrir o que tinha tratado com Gaspar Gonçalves de Utra, e com seu irmão; e que Manuel da Silva o tinha como preso, e o não queria deixar ir; que remedio teria para se poder ir desta ilha, para onde podesse ser. O pobre homem, enganado da maldade de Amador Vieira, em vez de lhe dizer que lhe daria remedio ao que lhe pedia, descobriu-lhe seu peito, e tudo o que sabia, e o que tinha determinado, e com muito contentamento lhe disse, que um piloto francez tinha um patacho, e elle havia levar cartas de certos homens desta cidade a el-rei Philippe, para que, quando viesse a armada no verão sobre esta ilha, por donde lhe haviam dar entrada; e que estavam esperando occasião de vento noroeste esperto, para a horas de meio dia, ou de noute por escuro botarem pelo meio das fortalezas, porque tinha o patacho fora de todos os navios, e lho mostrou, dizendo-

(*) Do num. 11.

lhe quem eram algumas das pessoas que o faziam ir. Disse-lhe todas as que sabia, nomeando-lhe um Melchior Affonso. Disse-lhe o dito Amador Vieira que não fossem sem elle, porque lhes havia de importar muito, e que lhes havia fazer botar o habito, e muitas mercês. Ficou o dito Francisco Gil cheio de grande contentamento, dizendo-lhe: *Snr. Amador Vieira, eu direi a V. m. quando ha de ser: esteja V. m. aviado, e seu companheiro, porque depois de estarmos dentro no patacho fará V. m. que vai a folgar em um barquinho as naus ancoradas, correndo-as, porque de V. m. não se ha de suspeitar cousa alguma.* E ficou isto assim, e Amador Vieira a fazer estas boas obras, tinha ainda que correr, já tinha este pobre descoberto.

LXIV

De como Amador Vieira se foi ter com Melchior Affonso, a descobrir-lhe seu falso e fingido intento, como aos outros.

Vivia nesta cidade um Melchior Affonso, natural della, que tinha andado nas Indias de Castella muito tempo, e vivia honradamente. Foi-se ter com elle o dito Amador Vieira, com a mesma toada atraz, para lhe descobrir seu peito a sua vontade. Como o dito Melchior Affonso não podia deixar de ser descoberto pelo muito cabedal que mettia, e os muitos a quem se tinha descoberto, sabendo que o dito Amador Vieira tinha vindo com cartas d'el-rei Philippe ao Snr. D. Antonio, teve-se por muito seguro. Descubriu quanto tinha imaginado, e a gente que tinha certa para o effeito que pretendia. Vivia elle perto de um forte na freguezia de S. Matheus, perto da cidade: disse que tinha escripto a Sua magestade, que vindo as armadas que se faziam sobre esta ilha, que viessem ter defronte daquelle forte, porque estavam appellidados com homens do seu serviço, em vindo a armada defronte delle, para pegarem nos bombardeiros e soldados que dentro estivessem para os amarrarem, e que como estivessem senhores do forte haviam de pôr por signal uma bandeira branca, porque ficavam com a artilheria senhores do mar e da terra (*).....

Continúa.

Publicou-se o 3.º volume da **ENEIDA** de Virgilio, por Barreto Feio — preço 1:000 réis.

Publicou-se **STAMBUL**, comedia em 3 actos e 9 quadros, original de Aristides Abranches — preço 300 réis.

(*) N'este logar faltam duas paginas no manuscrito, que comprehendiam o fim d'este capitulo, e o principio do capitulo LXV.